



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



A RELAÇÃO ENTRE A IMAGINAÇÃO E O CONCEITO DA VIOLÊNCIA

Carla Nery Magalhães¹

Danielly Natacha dos Santos Gois²

Andréia Souza de Lemos Chagas³

Eixo Temático: 18. Formação de Professores. Memória e Narrativas

Resumo: Este artigo discute a relação entre imaginação e o conceito de violência, através de entrevistas realizadas individualmente com professoras de uma escola pública de Aracaju. Nas entrevistas obtivemos informações sobre o conceito de violência e a identificação dos processos das atividades da imaginação em suas falas. Pressupomos que a imaginação e violência podem estar diretamente ligadas na relação emocional presente no processo imaginativo. Buscamos assim analisar o processo imaginativo na construção do conceito de violência. Concluímos este artigo traçando considerações acerca da concepção Vigotskiana de que a imaginação é uma função que vem tornar-se concretamente presente no cotidiano da sociedade. Pesquisa financiada pelo edital universal Fapitec e pela bolsa IC Probic/Unit.

Palavras-Chave: Imaginação, Conceito, Violência.

Abstract: This article discusses the relationship between imagination and the concept of violence, through individual interviews with teachers at a public school in Aracaju. In the interviews we obtained information about the concept of violence and identification activities processes of imagination in their speech. We assume that the imagination and violence can be directly linked in the emotional relationship in this imaginative process. We seek to analyze the process so imaginative elaboration of the concept of violence. Conclude this article by outlining considerations concerning the design Vygotskian that imagination is a function which has become concretely present in everyday society. Research funded by the universal edict Fapitec and the scholarship PROBIC IC / Unit.

Keywords: Imagination, Concept, Violence.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma parte de uma pesquisa realizada com professores sob o título "O cotidiano da violência: significados em professores de uma escola em Aracaju". Esta pesquisa foi financiada pelo edital universal Fapitec e pela bolsa IC Probic/Unit, ela apresenta resultados parciais originados da produção de um estudo da construção dos conceitos de violência para professores de uma escola pública de ensino fundamental de Aracaju, através de entrevistas individuais.

A relevância de nosso estudo sobre esta abordagem é de que possamos entender como se inicia a

construção do conceito da violência considerando a importância do processo imaginativo nesta construção. Pretendemos aprofundar os resultados alcançados na pesquisa de forma que os professores possam entender a imaginação como uma atividade cotidiana presente na sociedade (apesar de passar muitas vezes de modo desapercibido pelas pessoas).

Portanto, traçamos como objetivo geral analisar como o processo da imaginação pode ser percebido na construção do conceito de violência. Para alcançarmos tal objetivo utilizamos dados de entrevistas individuais com professores de uma escola em Aracaju no Bairro Luzia, com a proposta de estudar a construção dos significados de violência. Segundo Bruner (1997), entender a mente como criadora de significados, buscando compreender a interação no qual a mente constitui e é constituída pela cultura e a construção do significado mediando esta interação entre mente e cultura.

Tendo como base as falas dos professores sobre o conceito de violência traçamos uma relação com as atividades da imaginação e a realidade vivida. Consideramos como as quatro atividades imaginativas podem estar diretamente ligadas na construção da violência mediante a acumulação e riqueza de experiência de uma pessoa; mediante sua relação com o tempo num processo de incubação e maturação; mediante a relação emocional presente no processo imaginativo e mediante a fantasia cristalizada (momento final de um processo imaginativo).

Segundo Vigotski (2009) a relação entre a imaginação e a realidade consiste no fato de que toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa, a imaginação é um nível elevado do pensamento e é construída a partir de elementos retirados de experiências vividas.

Em seus estudos mais específicos sobre a capacidade imaginativa ou imaginação criativa, Vigotski (2009) compreendia a atividade psíquica do homem como combinações feitas mecanicamente com bases associativas das impressões acumuladas anteriormente, ou seja, descobriu-se a existência real da imaginação, a conexão desta com a experiência anterior, com as impressões acumuladas.

Os elementos de que são construídos fora, hauridos da realidade pela pessoa. Internamente, em seu pensamento, foram submetidos a uma complexa reelaboração, transformando-se em produtos da imaginação. Finalmente, ao se encarnarem, retornam a realidade, mas já como uma nova força ativa que a modifica. Assim é o ciclo completo da atividade criativa da imaginação. (VIGOTSKI, 2009, p.30)

Diante do exposto, pensamos que a violência longe de ser meramente uma construção isolada, um impulso momentâneo, ela é uma construção humana impregnada também de um princípio criador. Assim sendo, se percebermos a violência ligada com a imaginação poderemos supor que ambas trazem consigo toda uma carga de experiências, vivências e emoções acumuladas no decorrer da história do indivíduo, seja desde a fase infantil, na adolescência ou fase adulta.

Nossa imaginação só é possível porque o homem acrescenta algo ao que ele percebe da realidade externa, obtém a possibilidade de liberar-se do poder das impressões imediatas, saindo para além dos seus limites (Vygotski, 2009).

A violência poderia então estar ligada diretamente à imaginação uma vez que ela demanda de uma atividade carregada de memórias, vivências e experiências vividas (positiva ou negativamente). Ora, ao considerarmos que para a psicologia histórico-cultural, o produto criado pela imaginação resulta da inadaptação dos seres humanos à realidade existente e que tal inadaptação funciona como força motriz para dinamizar a atividade criadora responsável por materializar o que foi imaginado (Vigotski, 2009), então poderemos supor que essa atividade criadora poderia também ser uma atividade criadora violenta, pois o indivíduo trás consigo experiências violentas vividas e as reproduz.

Quanto à criação, Vigotski esclarece:

[...]a imaginação, como base de toda atividade criadora, manifesta-se por igual em todos os aspectos da vida cultural possibilitando a criação artística, científica e técnica. Neste sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia e tenha sido criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura, a diferença do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação. (VIGOTSKI, 2009, p. 14)

Nessa perspectiva, poderíamos supor que a violência também se manifesta sob forma criativa, pois aqueles que estão adaptados à realidade e em relação harmônica com o mundo nada podem criar. A violência seria uma desarmonia, uma insatisfação da realidade vivida, porém uma parte criadora da imaginação.

METODOLOGIA

No presente artigo utilizamos a metodologia qualitativa para a construção dos dados através de entrevistas individuais semi-estruturadas, realizadas com cinco professoras de uma escola pública de ensino fundamental em Aracaju, onde instigamos que as professoras falassem sobre o conceito de violência.

Foi solicitada a participação de todos os professores da escola, totalizando onze. No entanto, dos onze professores que fazem parte do quadro docente, cinco quiseram participar das entrevistas individuais. Todos os professores foram respeitados quando não quiseram participar da pesquisa ou por haver algum outro impedimento, como disponibilidade de tempo ou dificuldade para falar sobre o tema. Utilizamos nomes fictícios, inclusive o da escola selecionada, preservando assim a real identificação de todos.

Após a coleta de dados foi feita a transcrição de todas as falas, selecionamos algumas entrevistas e fizemos alguns recortes das transcrições para tomarmos como base a análise destas falas e as relacionamos aos significados de violência e as atividades da imaginação.

Procedimento para a construção dos dados: As entrevistas individuais aconteceram na própria escola na sala dos professores em dias e horários diferentes, a duração das entrevistas variou de vinte e cinco minutos a cinquenta minutos. Todas as falas foram gravadas, posteriormente transcritas e feitas o tema e subtema para identificar os temas recorrentes nas falas dos participantes para a análise.

Procedimento para a análise dos dados: após a análise temática das entrevistas, foram selecionados alguns episódios da conversação e foi feito a análise dos diálogos com o objetivo de analisar o conceito de violência nos professores e relaciona-los com as atividades da imaginação.

DESENVOLVIMENTO TEORICO

Imaginação

Durante um significativo espaço de tempo, os conceitos racionalistas sobre a atividade psíquica da imaginação marcaram os estudos da mente humana, opondo imaginação à razão. Designava-se como imaginação ou fantasia tudo o que não era real, portanto, não poderia ter nenhum significado prático. Porém, razão e imaginação não são opostas, elas complementam-se e são necessárias à constituição da realidade.

Insatisfeito com este modo racionalista de pensamento, Vigotski avança em seus estudos e desenvolve a perspectiva da psicologia histórico-cultural. Para ele a imaginação é a base de toda atividade criadora e manifesta-se em todos os campos (cultural, artístico, científico e técnico). Tudo o que foi feito pelas mãos dos homens é produto da imaginação e criação humana e tudo o que nela se baseia. Nenhum pensamento racional é possível sem a colaboração da imaginação, e esta, por sua vez, não prescinde de um pensamento realista. Ainda que não se confundam, “os dois agem como uma unidade”, diz Vigotski

(1982).

Vigotski (2009) completa seu pensamento esclarecendo que a função psicológica da imaginação estabelece vínculos com a realidade de quatro diferentes formas de atividades imaginativas. Para ele a imaginação vincula-se à realidade de quatro maneiras:

A primeira é a relação que ele chamou de atividade da imaginação Reprodutora (*mediante a acumulação e riqueza de experiência de uma pessoa*), ou seja, ela reproduz ou repete elementos extraídos da realidade e de experiências anteriormente criadas e elaboradas. Seria a lembrança de fatos ocorridos no passado, quando lembramos de tais fatos, reproduzimos marcas daquelas impressões. Sempre fazemos algo seguindo um modelo, reproduzimos aquilo que existe diante de nós, ou o que já assimilamos ou elaboramos antes. Ela encontra-se em relação direta com a riqueza da experiência de uma pessoa. A acumulação da experiência é o primeiro momento de um processo imaginativo-criativo.

[...] quando elaboro desenhos de observação, quando escrevo ou faço algo seguindo determinado modelo, reproduzo somente o que existe diante de mim ou o que assimilei e elaborei antes. O comum em todos estes casos é que minha atividade nada cria de novo e a sua base é a repetição, a reprodução mais ou menos precisa daquilo que já existia. (VIGOTSKI, 2009, p. 12)

A segunda forma de atividade é a Criadora, (*mediante sua relação com o tempo num processo de incubação e maturação*) é um momento de maturação, decantação ou incubação. Ele ocupa um "tempo", e está diretamente relacionado com a função conservadora do cérebro. A realidade sofre uma re-elaboração, o cérebro combina e reelabora elementos de experiências anteriores, imaginando novas situações e novo comportamento por meio da imaginação e materializa uma nova realidade, é quando a imaginação se pauta em produtos da fantasia ou em experiências históricas, sociais ou de outros indivíduos, o que amplia as possibilidades para imaginar, vez que o indivíduo não fica restrito a um repertório de experiências diretas. Neste caso, a imaginação mantém relação direta com a experiência, donde podemos concluir que quanto mais ampla, variada e rica for a experiência acumulada, maior será a sua criatividade. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. Eis por que a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, o que se explica pela maior pobreza de sua experiência. (VIGOTSKI, 2009 p.22)

A terceira forma de atividade entre imaginação e realidade é a determinada por aspectos Emocionais (*mediante a relação emocional presente no processo imaginativo*). Todo sentimento possui além de uma manifestação externa, corpórea, uma expressão interna que se dá pela seleção de pensamentos, imagens e impressões, ou seja, o estado emocional presente nos processos criadores seleciona e combina determinados elementos da realidade para atender ao nosso estado interior de ânimo. O que, entretanto, não significa que a fantasia resulte exclusivamente de nossos sentimentos, ou que sentimentos provocados por ela possam ser "[...] efetivamente vivenciados pelo homem que os experimenta." (Vigotski, 1982, p. 24).

Um último modo de ligação entre imaginação e realidade ocorre por meio da Fantasia Cristalizada, onde a imaginação adquire realidade plena e concreta. Ela decorre do fato de que o produto da imaginação passa a existir no mundo e a exercer influência na realidade já existente, ou seja, a imaginação retira da realidade elementos que, reelaborados, convertem-se em produtos materializados que retornam à realidade. E ao retornarem a ela "[...] trazem já consigo uma força ativa, nova, capaz de modificar essa mesma realidade, fechando-se deste modo o círculo da atividade criadora da imaginação humana." (Vigotski, 1982, p. 24).

Conceitos

Vigotski (2000, 2001) dedicou uma parte de seus escritos aos estudos sobre a formação de conceitos, dividindo-os em: cotidianos e científicos. O estudo do desenvolvimento dos conceitos é uma forma de

entender como se desenvolve o pensamento verbal, uma vez que para Vigotski (2001) o desenvolvimento de conceitos só pode acontecer a partir de uma palavra e na resolução de problemas concretos.

Vigotski destaca a formação de conceitos como:

...mais do que a soma de certas conexões associativas formadas pela memória, é mais do que um simples hábito mental; é um ato real e complexo de pensamento que não pode ser ensinado por meio de treinamento... Em qualquer idade, um conceito expresso por uma palavra representa um ato de generalização. Mas os significados de uma palavra evoluem.... O desenvolvimento de conceitos, ou dos significados das palavras, pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar. Esses processos psicológicos complexos não podem ser dominados apenas através da aprendizagem inicial. (VIGOTSKI, 1998, p.104)

Para Luria (1979) os processos de mudanças não apenas ocorrem na fase infantil, mas percorrem toda a vida humana, bem como em sua história de evolução e desenvolvimento cultural e, conseqüentemente, social. Inicialmente, na infância, desenvolvem-se os conceitos comuns, que dizem respeito à evocação de um objeto representado, ou conceito concreto, uma vez que esse tipo de conceito trabalha diretamente com a relação palavra-objeto, em uma situação concreta de uso do objeto referido. Vigotski (2001) denomina esse tipo de conceito de cotidiano.

Os conceitos científicos, diferentemente dos cotidianos, é recebido pronto e, aparentemente, não possui uma relação com o objeto concreto ou prático e só depois é que o indivíduo estabelece uma referência mais concreta a partir desse conceito, se o conceito permitir esse tipo de relação. Os conceitos científicos são passados por meio de uma educação formal, como conceitos de número, frações, de tempo.

Neste estudo, centramos nosso objetivo no desenvolvimento dos conceitos cotidianos em adultos. Não temos uma forma única de lidar com os conceitos apreendidos e nem usamos apenas um tipo de conceito, científico ou cotidiano, em nossas operações mentais. Sirgado (2000) nos lembra que esta relação complexa do pensamento adulto só é possível "graças a sistemas de mediação altamente complexos, produzidos socialmente" (p.41). Nesse sentido, Ratner (1998) também destaca que a produção dos conceitos é puramente social e a organização psíquica é modelada pelos conceitos sociais e culturais.

Assim, entendemos que os conceitos carregam em si um conjunto de significados que definem e orientam comportamentos em suas relações com os grupos e as culturas. Em nosso caso, a forma como vivenciam os professores situações de violência de sua escola e comunidade contribuem para a construção do que entendem de violência, ao mesmo tempo, que em uma perspectiva dialógica, esses significados interagem com seus contextos e atividades desenvolvidas. Tendo em vista as teorizações de Vigotski (2001, 2000, 1989), Wertsch (1988) e Volosinov (1992) sobre o assunto, pensamos que a construção de conceitos ocorre nos contextos interacionais vivenciados ao longo da vida, pois as trocas entre os interlocutores e as atividades desenvolvidas possibilitam a mobilização dos significados e lógicas de organização do conhecimento em gêneros do discurso potenciais nas diferentes culturas. Nesse sentido, Ratner (2002,1998, 1997, 1996) também destaca que a produção dos conceitos é puramente social e a organização psíquica é modelada pelos conceitos sociais e culturais.

Violência

O significado da palavra violência é muito mais amplo e regado de outros significados e conceitos. Pensarmos em violência apenas como um ato isolado, um distúrbio social ou um impulso momentâneo seria um erro.

Descrever simplesmente a palavra violência não atinge a amplitude da sua ação. Para Peralva (1995), a definição de violência não é uma tarefa fácil, até porque na própria teoria da violência, não se encontra

resposta satisfatória, no sentido de contemplar todas as variáveis que contribuem ou interferem para a prática da violência.

Bem sabemos que a violência se manifesta de diversas maneiras, seja através das guerras, das torturas, conflitos étnico-religiosos, assassinato, preconceito, e tantas outras formas. Podemos ainda identificar a violência direcionada especificamente contra a mulher, a criança e o idoso, que sofrem a prática da violência não apenas de forma física, mas também verbal, que causa danos morais muitas vezes irreparáveis que são mais difíceis esquecer que os danos físicos. Através da violência procura-se impor ou obter algo pela força, em todo o caso, é importante saber que o conceito de violência varia de acordo com a cultura e a época.

Quando falamos de violência urbana estamos falando na prática de crimes cometidos seja sob a forma de assassinatos, roubos e sequestros. Ela também consiste em violação da lei penal, na prática de crimes contra o patrimônio público, influenciando negativamente o convívio entre as pessoas. Este tipo de violência manifesta-se particularmente nos grandes centros urbanos, e o que gera esta violência urbana é o crescimento acelerado e desordenado das cidades. Temos como consequência disto a fome, a miséria, o desemprego e a marginalização, que associados à ineficiência das políticas de segurança pública contribuem para o aumento dos atos de violência.

RESULTADOS

As entrevistas foram individuais semi-estruturadas e aconteceram na própria escola na sala dos professores em dias e horários diferentes, as participantes ficaram a vontade em falar sobre a violência nos espaços escolares, porém ao questionarmos sobre a violência as professoras falaram sobre vários temas. Os significados mais recorrentes das falas foram: *As formas de violência; A relação professor-aluno; O ser professor; A Família e o Combate a Violência.*

Sobre estes significados mais decorrentes conseguimos perceber o processo da imaginação na construção do conceito de violência em algumas falas conforme apresentaremos abaixo.

Atividade Reprodutora:

- A Imaginação mediante a acumulação e riqueza de experiência de uma pessoaX Formas de Violência

Esta atividade da imaginação reproduz ou repete elementos extraídos da realidade e presentes nas experiências anteriormente criadas e elaboradas da pessoa. A memória conserva nossa experiência anterior e facilita a sua reprodução, mas estes elementos darão impressões da realidade (Vigotski, 2009). Vejamos as seguintes falas das professoras:

Isso, então muitas vezes essas crianças não são bem tratadas em casa né Tem a violência já dos pais, os pais se agredem né Então eles vivem observando isso, levam pra escola e acham isso uma coisa normal (4.0) (Rosa)

Não é só na escola a violência, ela faz parte da realidade como um todo entendeu É uma, é um reflexo da sociedade que ele vive, do âmbito que ele vive, do meio que ele vive, então assim os valores, os princípios, as virtudes estão distorcidas e a família em si está desestruturada... (Margarida)

Irritação né Eles se irritavam por qualquer coisa, então eles reagiam com agressão física, isso como eu falei, acredito que vem muito das relações familiares, às vezes a mãe tá irritada em casa e já agredir o filho, então por se irritar na escola ele já quer agredir o colega entendeu (Rosa)

Nota-se que a fala acima aponta que o conceito de violência é construído a partir da relação com o meio, e reproduz ou repete os elementos extraídos da realidade. O aluno reproduz aquilo que experiência, as lembranças da infância podem lhe causar marcas, quando esse mesmo aluno repete seguindo algum modelo que já tenha presenciado, ele na realidade apenas repete ou reproduz e acaba por não criar nada.

Através da plasticidade que o cérebro possui em adaptar-se ao mundo, faz com que o homem crie novas condições de acordo com suas necessidades, e necessidades essas que o ambiente lhe proporciona Vigotski (2009). Dessa forma, ele conserva experiências vividas antes, mas só através de estímulos é que ele irá criar novas condições para adaptar-se melhor ao meio.

Fica bastante claro nestas falas a imaginação utilizar-se da memória e das experiências vividas para suas construções, para recriar ou reproduzir algo que já existe, no caso específico, atos de violência.

Atividade Criadora:

- A Imaginação mediante sua relação com o tempo num processo de incubação e maturaçãoX O Ser Professor

Esta atividade imaginativa trás a fantasia para a realidade, é a imaginação de um quadro futuro ou de um passado longínquo, nós não estamos reproduzindo as impressões que tivemos ou sentimos, não estamos reproduzindo nada, pois nunca vivemos de fato estas situações. Porém podemos ter a nossa ideia, a nossa imagem, o nosso quadro destas situações. Criar é a imaginação em atividade, é a capacidade de fazer uma construção de elementos, de se combinar o velho de novas maneiras, o cérebro combina e reelabora elementos imaginando novas situações e novo comportamento (Vigotski, 2009). As professoras se manifestaram assim:

A realidade né É trabalhar a realidade né Sair do fictício pra entrar em uma realidade né Que aí é o que vocês escrevem, vocês tem que agir de outra maneira, faculdade lhe dá um preparo, ela lhe dá umas pinceladas da vida, agora vivenciar é você dentro de uma sala de aula[...] (Marta)

Então, justo é na universidade que a gente aprende né Assim tudo direitinho como lhe dá na sala de aula, mas a gente muita vezes não considera essa realidade concreta da sala de aula e isso gera um grande impacto, você na universidade parece até que nem existe nenhum problema social que as crianças são perfeitas, então você percebe uma complexidade imensa na sala de aula e essa toda questão né Social então isso que deixa a gente decepcionado. (Rosa)

Segundo Vigotski (2005), enfatiza ainda que a inadaptação e insatisfação funcionam como força que movem a atividade criadora responsável por materializar o que foi imaginado. A formação de professor não perpassa apenas na sua vivência acadêmica, mas sim na sua construção histórico-cultural como sujeito, na sua prática no cotidiano da escola e em sua relação com o aluno. Criar é produzir o novo Vigotski (2009), o autor acredita no processo de apropriação da cultura, onde a criação irá assimilar os modos sociais, a relação social se converte em função mental, onde o drama que o sujeito experiência é originado das relações sociais internalizadas. A imaginação nos casos citados acima revelaram o momento de maturação em que professor é um sujeito que possui a ideia, a imagem, o quadro das situações sem necessariamente tê-las já vivido. Criar é a imaginação em atividade e o professor atua de modo transformador e ativo em suas relações.

Atividade Emocional:

1. A Imaginação mediante a relação emocional presente no processo imaginativoXRelação Professor e aluno

Qualquer sentimento, qualquer emoção tende a se encarnar em imagens conhecidas correspondentes a estes sentimentos, assim como o ódio, o amor, o medo, o tédio; se estamos felizes imaginamos situações diferentes de quando estamos tristes. O estado emocional presente nos processos criadores seleciona e combina elementos da realidade para atender nosso estado interior de ânimo (Vigotski, 2009). As falas das professoras exteriorizaram suas vivências emocionais desta forma:

Então, tem alguns que revelam que batem, tem outros que não, mas a gente sabe o sentimento dele, que ele passa pra mim é que eles recebem isso, então ele ameaça mesmo, bota aquele jeito dele: "vou bater em você", "eu vou bater na sua cara", "eu vou fazer isso". Entendeu E a agressividade dele é mais com as meninas, é como se fosse uma coisa como se ele mandasse na mulher ou algum num sei, pode ter algum relacionamento de pai e mãe com né (Margarida)

Na verdade você vê um nível muito alto de estresse, depressão, de ansiedade, de sobre peso, de sobrecarga, eu num vejo um amigo meu satisfeito, nenhum! Todos têm problemas, aí você pode dizer assim: ah! Reclama de barriga cheia porque é do Estado, da Prefeitura. Muda um pouco da realidade da escola particular, mas não muda tanto.A sobrecarga é grande em qualquer ambiente de trabalho e em qualquer nível, você pode trabalhar no pré-escolar, no ensino fundamental, você pode trabalhar em universidade, em qualquer nível é estressante [...] (Rute)

Estou com outro aí recente, aí também de agressividade, quando eu vim descobrir ele tem problemas, o pai dele está preso e a mãe dele mudou de gosto pelo sexo entendeu Então ele logo, quando eu peguei ele no início ele gritava muito, ele era forte, falava muito alto e estourava assim um pavio, uma bomba, assim qualquer coisa.Então se alguém fosse falar com ele, ele gritava e eu:"fale baixo", "fale baixo você não me vê gritando, fale baixo", atéo ponto que eu já consegui,então eu fico trabalhando respire, respire pra que essa agressividade Respire... (Marta)

Diante das falas das professoras identificamos a relação emocional presente no processo imaginativo, poisque,em sua história profissional elas têm que lidar com as imagens encarnadas das questões sociais, culturais e econômicasque influenciam diretamente no estado emocional de seus alunos. Como dissemos anteriormente, os processos criadores vão selecionando e combinando elementos da realidade vivida pelos alunos atendendo o estado interior de ânimo de cada um. É de suma importância a professora perceber esta este processo imaginativo e assim entender o comportamento dos discentes.

2- A Imaginação mediante a relação emocional presente no processo imaginativo X A Família.

Mais as frustrações são em todos os lugares né Você tem frustrações na família, você tem frustrações com filhos você tem frustrações com tudo até porque você não vai conseguir cem por cento. Nunca as frustrações eu divido com a família [...](Marta)

Essa falta de limites das crianças, essa questão da falta da educação, da falta de estrutura familiar, então eles chegam na escola achando que podem fazer tudo. Eles acabam não respeitando o professor, os colegas, não respeitam a equipe

pedagógica, você vê que é uma liberdade muito grande por parte deles e não sei se isso vem da família, claro que não são todos, mas eu vejo uma parte, pelo menos na turma que atuo, uma pequena parte de alunos com esse perfil de crianças sem limites. (Valéria)

Eu, eu chamo isso estrutura familiar, pra mim é a criança, ela já vem desestruturada de casa. Como é que ela pode ter um equilíbrio se ela vivencia violência dentro de casa Ela vivência o não respeito ao próximo, dentro de casa a coisa é bem clara: os pais, agressividade, é um batendo no outro, um se agredindo na frente do outro, ninguém vai pro quarto conversar, é ali mesmo, verbalmente e fisicamente né Então essa criança, muitas vezes eu tenho um problema lá na sala, é a menina, oi ela ali! É um problema, problema de violência sério familiar então num produz na sala, não tem como produzir, é aluna problema. Perdeu o ano, vai perder de novo porque não tem estrutura, é agressividade do pai, puxa faca um pro outro e vai mesmo a mãe esfaquear entendeu (Marta)

A desestrutura familiar é um dos impactos mais recorrentes nas falas das participantes, esta desestrutura afeta o comportamento e a aprendizagem do aluno. De acordo com a psicologia histórico-cultural Vigotski (1982), o sujeito se constrói através das relações interpessoais. No caso acima, ao tratarmos de realidades tão complexas, pois a comunidade em que os alunos estão inseridos em geral é violenta, a família desestruturada, a escola deficiente e outros ambientes em que vivem não trazem a segurança necessária, são facilitadores para que a imaginação se construa de elementos extraídos da realidade e que posteriormente o fruto dessa relação aconteça a fantasia, onde são criadas novas possibilidades, novas combinações, e assim a emoção é quem irá dar expressão a essas imagens e impressões criadas, Vigotski (2009).

Atividade Fantasia Cristalizada:

-A Imaginação mediante a Fantasia Cristalizada X Combate a violência

A Fantasia Cristalizada é algo completamente novo, que nunca aconteceu na experiência, a imaginação retira da realidade elementos que reelaborados, convertem-se em produtos materializados que retornam a realidade, ela passa a existir realmente no mundo e a influir sobre outras coisas. Ela torna-se realidade, dispositivos técnicos são criados pela imaginação combinatória do homem o produto da imaginação passa a existir no mundo e a exercer influência na realidade já existente (Vigotski, 2009).

Não como eu falei em relação a mim não, já aconteceu com os meus colegas, já aconteceu muitas vezes, agora eu procuro ter uma relação assim, desenvolver uma relação de amizade, confiança com o meu aluno, até pra ver se ajuda nessa questão e procuro também é possibilitar que minha sala de aula seja um ambiente tranquilo né Fazendo trabalho assim que as crianças possam desenvolver laços de amizade, de ajuda e de cooperação né (Rosa)

Eu acho que conscientizaria entendeu Agora eu acho que isso é um trabalho que deveria ser feito também com os pais dos alunos, é um trabalho social, não é não limitado apenas na sala de aula, seria um trabalho comunitário, reunir os pais, reunir toda comunidade e conscientizar né Tratar um pouco as relações de pai e filho né Como é educar mesmo os pais né (Rosa)

[...] você salva vidas, você consegue, a satisfação hoje é quando eu encontro meus alunos e vejo que estão encaminhados. Tem meninos até na faculdade, é uma coisa que mexe muito com a gente mais a gente fica triste também quando eu encontro meninas já tudo prenha, menina nova e aí, mas eu não me culpo

completamente não né Hoje eu culpo a família porque a gente manda chamar um pai de aluno aqui, você nãoconhece, você não sabe nem a cor, vai encerra o ano, mas tem pais que eu nem conheço, tem pais que a gente nem conhece, não vem nem aqui, parece que botou um bicho, soltou um bicho aqui dentro infelizmente. (Marta)

Se tratando ao combate a violência, as professoras citaram como possíveis soluções o acompanhamento familiar na vida escolar e que os professores conversem mais com seus alunos. Vigotski (1982), procura construir o que chama de uma nova psicologia, esta deve refletir o indivíduo em sua totalidade, articulandodialeticamente os aspectos externos com os internos, considerando a relação do sujeito com a sociedade à qual pertence. Assim, sua preocupação é encontrar métodos de estudar o homem como unidade de corpo e mente, como um ser biológico e sersocial, membro da espécie humana e participante do processo histórico. A fantasia é o modo seguro pelo qual o aluno estabelece uma comunicação com o mundo, mesmo que esse mundo seja inventado. Para Vygotsky, toda nova descoberta é uma imaginação cristalizada. A imaginação não é algo totalmente alheio à realidade nem separado dela, mas se apropria, toma dela os dados dos quais se utilizará. Ele escreve: "Todos os objetos da vida diária, sem excluir os mais simples e habituais, vem a ser algo assim como fantasia cristalizada." (2009, p.10)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo imaginativo é um ato presente e constante no ser humano, imaginamos e criamos o tempo todo. Sabemos que a imaginação é um processo complexo, toda sua atividade tem sempre por trás uma história muito extensa, carregada de percepções externas e internas que compõem a base de nossa experiência.

Com isso vemos a necessidade de que os professores percebam a importância dos estudos da imaginação e que possam considerar através da nossa pesquisa que a imaginação não só tem uma função positiva, construtiva e libertadora da pessoa humana e da sociedade, mas que ela desenvolve também uma função negativa e violenta. A imaginação possibilita a re-construção e a construção de novas realidades pessoais e sociais ao tornar-se uma fantasia cristalizada.

Diante do exposto, concluímos que a atividade imaginativa deve ser estimulada e desenvolvida visando uma melhoria da qualidade de vida pessoal e no desenvolvimento e expansão social. Acreditamos que professores possuem uma oportunidade de reverem sua relação com alunos em sala de aula ao entenderem que estes alunos carregam consigo uma carga de vida, de histórias e experiências únicas. Estes alunos reproduzem a violência através de processos imaginativos, pois carregam experiências vividas muitas vezes sob uma forma violenta. É necessário que os professores entendam que a essência destes alunos consiste em reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados ou ressuscitar marcas de impressão precedentes, inclusive as violentas.

REFERÊNCIAS

BRUNER, Jerome F. Trad. Marcos A. G. Domingues. *A cultura da educação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

LURIA, A.R. *Curso de psicologia geral* (Vol. 4). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PERALVA, Angelina (1995). A generalização da violência como modo de regulação das interações humanas na região metropolitana do Rio de Janeiro: a violência juvenil. São Paulo, Relatório de Pesquisa/ CNPq, mimeografado.

RATNER, C. Activity as a key concept for cultural psychology. *Culture & psychology*, 2, p. 407-434, 1996.

RATNER, C. In defense of activity theory. *Culture & psychology*, 3, 211-223, 1997.

RATNER, C. Historical and contemporary significance of Vigotski's socio historical psychology. In: Rieber, R. and Salinger, K. (Eds.) *Psychology: theoretical-historical perspectives*. (455-473). Washington D. C. American Psychological Association, 1998.

RATNER, C. *Cultural Psychology: theory and method*. Nova Iorque: Kluwer Academic- Plenum Publishers, 2002.

SIRGADO, A.P. *O conceito de mediação semiótica em Vigotski e seu papel na explicação do psiquismo humano*. *Cadernos Cedes*. Ano XX, 24, 38-51, 2000.

VIGOTSKI, L. *Psicologia da Arte*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1982 -1989.

VIGOTSKI, L. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, L. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*: livro para professores/ apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes – São Paulo: Ática, 2009 (ensaios comentados)

VOLOSINOV, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Sao Paulo: Hucitec, 1992. Wertsch, J.V.